

Fruição, sedução e produção: o papel da mulher na música

Régis Duprat*
Universidade de São Paulo

Resumo:

O texto em questão propõe uma reflexão sobre o papel da Mulher e suas relações com a trajetória da produção e do gosto musical à luz de algumas idéias de Jean Baudrillard (*De La Seduction*, 1979). Segundo o filósofo francês haveria uma continuidade feminina e uma intermitência masculina que assegurariam à Mulher uma indiscutível superioridade ao nível da representação e da fruição, dimensão precípua da sociedade contemporânea, que incute ao desejo uma energia inesgotável. O texto procura explorar a categoria do Gosto interfacialmente com a trajetória das formas de fruição musical e com o senso comum que distingue com presumida facilidade as diferenças sexuais entre Homem e Mulher; mas as diferenças psíquicas não seriam tão óbvias quanto as sexuais, já que frequentadas por fantasmas de mistificação ou adjetivadas pelos condicionamentos históricos e sociais.

Palavras-chave: movimento feminista; musicologia de gênero; mulher e fruição musical; música, produção e sedução

*Régis Duprat é formado em História pela Universidade de São Paulo. Cursou o Instituto de Musicologia e o Conservatório de Paris, e doutorou-se em Musicologia (1966). É professor titular de Estética e História da Música Brasileira da USP/ECA. Pesquisou, catalogou e editou as obras de André da Silva Gomes (1752-1844); é autor de 18 livros e cerca de 200 transcrições musicológicas de partituras do Brasil colonial e imperial, tendo produzido 18 LP's e CD's. É sócio benemérito da Sociedade Brasileira de Musicologia e membro eleito da Academia Brasileira de Música.

*Na terra seremos rainhas
E de verídico reinar
E sendo grandes os nossos reinos
Chegaremos todas ao mar*

(Todas íamos ser rainhas)
Gabriela Mistral*

6 Este texto¹ é um início modesto de reflexão e não uma proposta atrevida de solução de problemas de grande complexidade e de longa duração. Valho-me da oportunidade para abordar as ordenadas complexas que a luta feminista oferece para um estudo de caso transdisciplinar que não se encerra aqui e que esperamos venha gerar questões instigantes para a reflexão sobre o tema. Eu talvez decepcione aquelas e aqueles que, confiantes no título de nosso texto, contem com que desfiemos as contas de um rosário de nomes de compositoras e intérpretes da Música internacional, que representou, desde a década de 1970, o que se tem chamado de "*historia compensatoria*" (Piñero Gil, 2000), que tem resgatado compositoras do passado e sua produção. Em vez disso optamos por propor uma pequena reflexão sobre o papel e as relações da mulher com a fruição musical à luz de abordagens de um autor contemporâneo, Jean Baudrillard, em uma obra específica, que é *De la seduction* (Baudrillard, 1979).

Devo a Antônio Flávio Pierucci (2000), colega da Universidade de São Paulo, a Alain Bihl (1996), da Universidade de Strasburgo, e a Carmen Cecília Piñero Gil (2000), da Universidade Autônoma de Madri, as reflexões a que procedo aqui sobre a história dos movimentos feministas. A abrangência e o aprofundamento desses autores inviabilizam qualquer pretensão de originalidade com relação às abordagens complementares. Estamos imbuídos, com Pierucci, de que, nas análises de gênero, não cabe ignorar que elas se vinculam aos demais problemas culturais, especialmente os de classe e de raça, que são mais evidentemente opressores. Como lembra Paulo Singer, feminismo e feminino nem

* Tradução de Henriqueta Lisboa, 1971.

¹ Conferência apresentada no IV Congresso Chileno de Musicologia, da Sociedade Chilena de Musicologia, sob o título "*Música y Mujer: una mirada interdisciplinaria*" (Santiago de Chile, 10-13 de janeiro de 2007).

sempre se identificam e isso possibilita, numa certa época, a sobrevivência de paradigmas vigentes em estados anteriores das lutas feministas. Refiro-me à hoje predominante diferença intra-genérica entre as mulheres (*among* e não *between*), à heterogeneidade interna, no sexo feminino, que a configuração atual das lutas feministas enfatiza, inclusive e especialmente nas relações de poder entre mulheres. Mas os fatores raça e desigualdade continuam a prevalecer dentre os mais fortes para a discriminação contra a mulher.

Simone de Beauvoir talvez tenha sido das primeiras a sustentar que a expressão **mulher** é uma categoria socialmente construída; e que devemos desconfiar de categorias fixadas na natureza. É uma advertência contra o sentido forte das proposições, pois quero crer que se diferença existe, ela alude ao grande trajeto das lutas feministas que têm sido resumidas em três etapas: 1) contra a desigualdade, 2) pela diferença, e 3) pelas diferenças intra-genéricas (Pierucci, 1999, p. 149). Sucedem-se, aí, as etapas que definem e pretendem redefinir as bandeiras de luta e a diferenciação interna das correntes ideológicas cada vez mais difíceis de conciliar, como diz o nosso autor citado. A “multiplicidade feminina” suscita a tarefa que Paul Veyne propõe, a de inventariar a multiplicidade, as formas de multiplicação das diferenças dentro do movimento feminista (Pierucci, p. 149). Portanto, a própria história dos movimentos e das lutas feministas vem enfatizando sucessiva e concomitantemente os parâmetros da desigualdade, da diferença e das diferenças intra-genéricas, numa verdadeira convivência de paradigmas.

Estas referências introdutórias e oportunas enfatizam primordialmente a dimensão social da construção da categoria, dimensão paradoxalmente mais dócil devido à natureza objetiva dos temas sociais quando confrontados com os de natureza psicológica. Aqui, ao contrário, adentramos o âmbito de uma abordagem mista que sem desconsiderar a procedência da nova preocupação com as diferenças intra-genéricas, manteria entre elas as especulações de caráter psicológico, que constituem uma repercussão de fases anteriores e intermediárias das lutas feministas, e que se refere à diferença, no singular. O senso comum distingue com certa facilidade as diferenças sexuais entre Homem e Mulher,

especialmente as diferenças biológicas, anatômicas, fisiológicas; mas as diferenças psíquicas não são identificáveis senão pelos fantasmas da mistificação ou adjetivadas pelos condicionamentos sociais, históricos, políticos e culturais. E se nos fosse permitido falar ainda em qualidades específicas, opositivas, psicobiológicas Homem x Mulher, optaríamos, com Baudrillard (1979, -p. 44), pela continuidade feminina e pela intermitência masculina, assegurando à Mulher uma inegável especificidade ao nível da representação da fruição. Estaríamos, assim, deslocando o debate para enfatizar não a diferença sexual entre Homem e Mulher, mas sim a postura sócio-cultural diante do problema da fruição e da criatividade que integra a consciência das lutas feministas, as quais, hoje, não são mais apanágio das mulheres e sim de todos aqueles que reconhecem nessa luta, uma luta que pertence a toda a humanidade; que integra as lutas democráticas, pela conquista da igualdade no gênero humano, assim como pertencem à humanidade como um todo as lutas anti-racistas em geral e as lutas pela preservação da natureza e do meio ambiente.

8 Segundo Baudrillard, a sociedade contemporânea induz a fazer do sexo uma instância irreversível; e do desejo, uma energia inesgotável. Mas a irreversibilidade do sexo e a inesgotabilidade do desejo, como fonte de energia, parecem constituir, cultural e historicamente, uma característica masculina. Consagra-se o velho esquema positivo que privilegia o progresso, a acumulação, a produção, o crescimento, as estatísticas quantitativas, tudo fundamentado em categorias como energia, valor e produção. Talvez na fruição se encontre a razão do imenso prestígio de que a música hoje goza, entre as grandes massas, sobretudo entre os jovens de ambos os sexos, como forma difusa e sutil de protesto contra o capital, o poder, a produção masculina. Para Baudrillard o gosto da fruição é essencialmente feminino. A sedução da fruição não se identifica com a pornografia generalizada que transforma, esta sim, a mulher em objeto (Baudrillard, 1979, p. 43).

A visão cumulativa do real é uma réplica perfeita do valor econômico-mercantil na sociedade pós-industrial. No dizer de Baudrillard, o capital deve crescer, deve circular, deve expandir-se e, com isso, os problemas humanos

estariam presumida e automaticamente solucionados. Hoje estamos vivendo em certos setores e de forma crescente uma percepção generalizada de que esse princípio é uma burla, uma falácia. E de que é, também, um princípio essencialmente masculino, tanto quanto é categoria socialmente construída a expressão "mulher" no dizer de Beauvoir. Baudrillard destaca que a dimensão sexual, na sociedade contemporânea, tornou-se estritamente a atualização de um desejo no prazer; essa atualização cristaliza a função orgástica e, por conseqüência, a função energética (1979, p. 59). Até que ponto é masculino o modelo cumulativo? É Baudrillard que esclarece: No sistema masculino dominante a feminilidade encarna a reversibilidade, a possibilidade do jogo e da implicação simbólica, [pois a] sedução é da ordem do ritual enquanto o sexo e o desejo são da ordem do natural (p. 37); e citando Marcuse (1976, p. 33):

O que no sistema patriarcal aparece como antítese feminina dos valores masculinos seria uma alternativa social, histórica reprimida – a alternativa socialista [...]. Acabar com a sociedade patriarcal é exatamente negar à mulher enquanto mulher qualidades específicas, isto é, fazer desabrochar essas qualidades em todos os setores da vida social, no trabalho e no lazer. A liberação da mulher seria então, ao mesmo tempo, a liberação do homem.

Introduzimo-nos, aqui, num âmbito pragmático das estatísticas: A realidade passou a constituir o lugar do desencanto, simulacro da acumulação contra a morte. Daí a marginalidade das minorias e suas metonímias: a velhice, a morte, o negro, a mulher, os loucos, a homossexualidade; todos têm sido tratados, em maior ou menor grau, como a Idade Média tratava os leprosos. Na América Latina, sobretudo, que é o nosso lar, as estatísticas econômico-sociais nos falam, generalizadamente, que a mulher percebe remuneração sempre inferior por seu trabalho, que nunca excede de 50% a 70% dos salários conferidos aos homens. Já se vê que as diferenças de sexo ainda persistem, pelo menos em nosso continente, não obstante a situação da mulher no primeiro mundo já oferecer condições econômicas mais razoáveis, relativamente à América Latina

onde as prioridades das lutas feministas ainda enfatizam o parâmetro da desigualdade; isto é, a condição latino-americana será necessariamente múltipla com relação às etapas que relembramos aqui, já que ainda persistem motivos sobejos para a reiteração das lutas contra a desigualdade, tanto na Europa como nas Américas. Entretanto, esses sucessos da situação da mulher na Europa são negados peremptoriamente por Alain Bihl (1996, p. 127s). “Na França a grande desigualdade”, diz ele, “reside na vida doméstica, sistêmica e cumulativa, que gera a desigualdade de acesso à formação e ao emprego; o grande obstáculo para a profissionalização da mulher.” A música, aliás, como atividade profissional, é das poucas profissões que suscitam relativa igualdade de salário e de ingresso na profissão.

10 Caberia afirmar que a fruição musical é uma extensão disso, ou seja, atualização de um desejo, cristalizado no prazer da audição. Nós sabemos como a dimensão sociológica e antropológica da música é caudatária da trajetória do gosto. Para outros é o inverso: a trajetória do gosto é que seria caudatária da dimensão sócio-antropológica e histórica. Ocorreria, na verdade, uma influência recíproca de ambos, com recíproco recrudescimento. E nessa categoria da evolução do gosto vislumbram-se as oscilações que configuram a demanda, o consumo, a recepção e o mecenato, e até as convicções teóricas dos que questionam os códigos e subvertem as leis vigentes da arte, isto é, dos artistas e dos movimentos de ruptura das vanguardas em geral. E não estou, aqui, enfatizando os princípios da estética da sensibilidade ou da expressão, e muito menos a estética da comunicação, em detrimento das tendências idealistas, formalistas, positivas e/ou funcionais. Atenho-me, exclusivamente, à reflexão sobre a atividade musical produtora e consumidora, à luz da fruição.

Só o sexo feminino pode encarnar a continuidade e disponibilidade utópica; o feminino se encarnou sempre na sedução (Baudrillard, p. 45). Convencionada a procedência do princípio dicotômico baudrillardiano (a continuidade feminina e a intermitência masculina) ei-nos ante uma combinatória eloqüente, já que as músicas, tanto as eruditas como as populares (estas, com menos freqüência, nos últimos tempos, do século XIX até hoje) construíram seu

edifício sobre pilastras masculinas. Mesmo hoje, a cada Simone de Beauvoir, a cada Gabriela de Mistral, a cada Rosita Renard, a cada Dolores Ibarruri, (a *Passionaria*), a cada Violeta Parra, a cada Margot Loyola, Henriqueta Lisboa ou Guiomar Novaes corresponde um exército de marmanjos...

Kierkegaard, o filósofo, dizia, no seu Diário do Sedutor, que o Homem deve à Mulher tudo quanto fez de belo... Se a música de Igreja, em todos os tempos, numa vertente de sua produção, é tributária da Mulher, a Mãe de todos os Homens e de todas as mulheres, a música trovadoresca e madrigalesca também se inspiraram em textos poéticos que tomavam a Mulher por modelo. O canto lírico, o melodrama barroco e o clássico já comportam, além da inspiração, a presença feminina no palco, a princípio compartilhando-o timidamente com os *castrati*, conquistando-o gradualmente nos papéis femininos da ópera romântica. Os preconceitos da burguesia triunfante contra a mulher são mais amenos que os da aristocracia d'antanho. E o século XIX burguês e industrializado, cientificista e libertário, reservou às "*jeunes filles*", no seu esquema educacional e musical doméstico, um lugar destacado no quadro da interpretação, especialmente a musical. Mas só nele porque, na prática, as funções composicionais, ou seja, as funções produtoras, ainda continuariam como monopólio quase exclusivo do sexo masculino. O fato de o sexo feminino ter constituído, por longas fases históricas, a fonte de inspiração de parcela considerável da produção musical poderia significar que a mulher, em vez de espoliada, teria usado triunfalmente, também aqui, o direito, como diria Baudrillard, de "reserva sexual", exercendo o domínio, ou o predomínio, pela sedução. Sobretudo no período romântico, os homens produtores não seriam senão os operários da sedução feminina (E aqui, a expressão "operário" gera uma polissemia singular, pois durante o século XVIII o termo "operário", no Brasil e em Portugal, designava aquele que produz e trabalha na casa da ópera...)

Em síntese, o poder do Homem tem se manifestado na Música pela produção. O da Mulher manifestou-se pela inspiração e pela sedução. É como que a consagração de um mundo em que o feminino não se oporia ao masculino, mas que o seduz! E' nessa capacidade, ou melhor, nessa especificidade feminina

que, aplicada à fruição, parece ocorrer uma redenção, a verdadeira liberação da Mulher, e mais, do próprio ser humano se a mulher souber dirigir o jogo. Pois como diz Baudrillard, "a fruição leva a tudo, salvo à morte" (p. 68). A fruição, de fato, é a própria sedução, o seduzir e o deixar-se seduzir, como uma pulsão de vida, na qual sub-jaz a sua forma reversível que é a pulsão da morte. E é essa reversibilidade que confere ao ato humano sua dimensão simbólica – e aqui me descarto da sinonímia tão propalada e hoje consagrada, entre as expressões 'simbólico' e 'cultural', ainda que sintonizado com que sendo simbólico seja também cultural; afinal, já chegamos ao consenso de que tudo é cultural, mas nem tudo é simbólico... É autêntica estratégia que constitui, ela sim, a configuração subversiva, contraposta à lógica sistemática da produção e do poder, da dominação e do valor. Esse novo processo, que reverte e desacumula, constitui o processo de sedução. Nosso destaque é de que esse processo de sedução, sobretudo no mundo contemporâneo, é um processo eminente e especificamente feminino. Só a partir dele se processará a liberação da mulher, que será igualmente a liberação da humanidade inteira e superação do valor do capital, da produção e seu império de poder e de desejo.

12

Para Baudrillard a sedução perdeu o *alias*, o suspense e o sortilégio (p. 246). Ela teria tido a sua fase ritual, sua fase estética e por fim sua fase política. A fase ritual e a fase estética desapareceram sucessivamente, permanecendo a política que é a da reprodução, como uma forma sem conteúdo, inseparável da tecnicidade da reprodução em série, garantindo a difusão máxima e a intensidade mínima (p. 247). Seria essa a condição essencial a determinar a involução do matriarcado para o patriarcado?... Não nos resta senão escolher entre, de um lado, a produção, como simulação e forma desencantada (o masculino) e de outro lado, a sedução, como forma encantada (o feminino). Daí que a liberação da mulher constitui uma liberação da sedução, da fruição, que constituem a liberação dos laços limitativos da produção. A verdadeira fruição musical passa obrigatoriamente pela valorização do feminino liberalizado das limitações sociais impostas pelo predomínio masculino. E a liberação da produção e do poder

passa obrigatoriamente pela libertação da mulher E dessa libertação, estamos certos, se beneficiará não só a fruição musical, mas a humanidade como um todo.

Como enfatiza Gianni Vattimo (1996, p. 184-185), a fruição, que é um reviver, uma rememoração, entendida num sentido “estético” das formas, tem um efeito emancipador. A partir disso, as éticas metafísicas [dogmáticas] do desenvolvimento e do crescimento, do “*novum*”, como valor último, podem ser superadas (*verwindent*), (e o serão) por uma ética da pós-modernidade que se constituiria no resgate do valor de uso diante da generalização perversa do valor de troca (Vattimo, 1996, cap. I), o valor mercantil, da produção, do progresso, da acumulação e do crescimento, do capital, do homem.

Referências:

- BAUDRILLARD, Jean. *De la Seduction*. Paris: Galilée, 1979.
- BIHR, Alain; PFEFFERKORN, Roland. *Hommes/Femmes l'Introuvable Egalité*. Paris: Atelier, 1996.
- KIERKEGAARD, Soren. *Diário do Sedutor*. Lisboa: Livraria Clássica, 1911.
- MARCUSE, Herbert. *Actuels*. Paris: Galilée, 1976.
- MISTRAL, Gabriela. *Poesias escolhidas*. Trad. Henriqueta Lisboa. Rio de Janeiro: Opera Mundi, 1971.
- PIERUCCI, Antônio Flávio. *Ciladas da Diferença*. 2. ed. São Paulo: Ed. 34, 2000.
- PIÑERO GIL, Carmen Cecília. *Los estudios de género en Música*. Universidad Autónoma de Madrid, 2000.
- VATTIMO, Gianni. *O Fim da Modernidade*. São Paulo: Martins, 1996.